

BATALHÃO DE CAVALARIA 1879

«NA GUERRA, CONDUTA MAIS BRILHANTE»

CCS, CCav1505, CCav1506 e CCav1507



Jornal do Exército, ed. 102, de Junho de 1968

BATALHÃO DE CA



O Batalhão de Cavalaria n.º 1879, preparado no R. C. 3, chegou a Metangula, no Lago Niassa, a 6 de Fevereiro de 1966, depois de uma viagem em que os últimos 3 dias ficaram para sempre retidos no espírito de todos os seus homens.

Minas, emboscadas com tiros e abelhas, flagelações, etc., tudo sob as inclemências de fortes temporais e de matope que a todo o momento interrompiam a marcha da

coluna, vieram anunciar que o tempo que ali se iria passar não permitiria uma vida fácil.

Pelo facto de actuar junto ao Lago, adoptou o Batalhão o nome de «Os Dragões do Niassa».

Em Vila Cabral ficou às ordens do Sector a Comp. de Cav. 1505 cuja actividade, como Companhia de intervenção, em meses duros, seria muito intensa.

Não passariam muitos dias sem que os primeiros Dragões desta Companhia tombassem para sempre na vastidão do Niassa.

Mas a acção da 1505 iria actuar decidida e vitoriosamente no campo

Confiantes e decididos, rumo ao objectivo: um «quartel» inimigo

inimigo. Quando alguns meses decorridos voltou ao Batalhão, tinha cumprido a sua missão de forma eficiente, o que valeu aos seus homens numerosas Condecorações e Louvores.

É certo que alguns não regressaram, mas souberam lutar até ao último momento, dignificando a farda e o Exército Português.



Mais um «quartel» inimigo conquistado com pleno êxito

Os seus camaradas como que redobram de vontade para os honrar. Como atrás se disse, o Batalhão ficou com a C. C. S. em Metangula, a Comp. de Cavalaria 1506 em Nova Coimbra e a Comp. de Cavalaria 1507 no Coboé. Em Maniamba, a Comp. de Cavalaria 1478.

A sua responsabilidade ficou toda a circunscrição do Lago.

A FRELIMO é a organização inimiga que actua na ZA.

As populações Nianjas, Ajauas, Angonis e Matengos, depois dum ataque a uma lancha da Marinha, em Janeiro de 1965, iniciaram uma série de acções, facilitadas pela fraca quadrícula existente.

Assim, dum momento para o outro as populações fugiram das povoações, refugiando-se no mato junto dos terroristas e auxiliando-os sob forte coacção.

A partir de meados de Agosto, devido a acções felizes das NT, as populações começaram a regressar a pouco e pouco aos aldeamentos, primeiro as mulheres e crianças e depois os homens.

Na ZA, o inimigo dispõe de numerosas Bases e o seu armamento é poderoso, sendo de destacar:

Morteiros de 82, morteiros ligeiros, bazucas, metralhadoras pesadas tipo peça, de origem russa e chinesa, metralhadoras, diversos tipos de armas automáticas e especialmente muitas minas.

Era perante uma situação destas que ia ter início o trabalho dos «Dragões do Niassa».

Das inúmeras operações efectuadas, narremos uma, realizada pela Comp. de Cavalaria 1507 reforçada com 1 GC da Comp. Cavalaria 1506:

A 1507 ocupou, logo de início, as instalações da antiga missão do Coboé, cuja igreja imponente domina o Lago, e é avistada da vizinha ilha de Likoma, que pertence ao Malavi, e onde se encontram refugiados alguns milhares de pessoas. A área à sua responsabilidade vai até à fronteira Norte, e dava passagem às linhas de reabastecimento de terroristas, vindas da Tanzânia.

Serras elevadas separam o Lago do interior, e o terreno é de difícil progressão. Nos vales dos rios é nas picadas, o capim atinge por vezes grande altura, dificultando a visibilidade e facilitando as emboscadas.

As populações, sob coacção dos terroristas, tinham abandonado a paz e o sossego da sua existência e viviam refugiadas em Likoma e no mato, ou tinham ido para a Tanzânia.

A Comp. de Cav. 1507, reforçada com um GC da 1506, estacionada em Nova Coimbra, recebeu a missão de destruir, capturar e aniquilar um acampamento inimigo.

No dia 23 de Fevereiro, pelas 16.45 h., partiu do Coboé numa lancha LDP, tomando como medida de decepção a direcção Norte.

Ao anoitecer, pelas 19 horas, rumou em direcção à costa, desembarcando em determinada baía.

Feito o desembarque, e ultimados os preparativos (ligação rádio, planeamento da progressão, reacção em caso de ataque e acção no objectivo), iniciou a sua marcha em coluna por um, levando na frente o guia Augusto, que fugira dos terroristas.

A distância entre os homens nunca foi superior a um metro, havendo necessidade, em certos pontos do percurso, de ser diminuída, em virtude da densa vegetação e da escuridão.

O movimento foi feito no maior silêncio, apenas se ouvindo no mato os seus ruídos característicos. O que

VALARIA 1879

E se não se apresentaram todos, a razão única é a coacção a que estão sujeitos, sob um regime de terror e de medo.

E depois de cerca de 15 meses de trabalho duro e intenso, foi o Batalhão rendido na região do Lago, indo ocupar o Subsector Norte do Distrito da Zambézia.

É, sem dúvida, este Distrito de capital importância, pois constitui pelas suas riquezas um dos objectivos mais apetecidos do terrorismo.

Com clima quente e chuvoso, as principais culturas são as de chá, tabaco, algodão, milho e amendoim.

A língua principal é o Lomóé e as religiões as protestante, católica maometana, sendo a maioria anemista.

Como riqueza importante há que destacar a existência de minérios. Consciente do valor deste Distrito o inimigo levou a efeito em 1964 actos

se passaria nos espíritos daqueles homens, que partiam para a sua primeira missão de guerra, só cada um saberia. Medo? Se o tinham, jamais o revelaram.

Eram cerca das 3,45 h., quando a Força atingiu o posto da sentinela de dia, que ficava a um quilómetro do acampamento.

Este foi alcançado às 4,15 h. e imediatamente adoptado o dispositivo de ataque, com o Comando no centro e um Grupo de Combate de cada lado. A distância ao acampamento era de 60 metros.

A sentinela inimiga, dando pela presença das nossas tropas, disparou uma rajada de três tiros de pistola-metralhadora.

Imediatamente foi dada ordem de abrir fogo, o que foi feito com grande potencial. O inimigo, apanhado de surpresa, pôs-se em fuga desordenada. Tiros de morteiro caíram na sua retaguarda. Terminado o fogo, imediatamente avançou sobre o objectivo o 1.º Grupo de Combate, ficando o 2.º em apoio.

Atingido e conquistado o objectivo, foi logo montada a segurança, e seguidamente efectuada uma batida na direcção Sul-Norte.

A surpresa foi tal que o inimigo abandonou o material e teve várias baixas.

O acampamento inimigo estava situado debaixo de árvores frondosas com as copas bastante fechadas. O lado Sul não tinha vegetação.

O sistema de alarme era constituído por latas, suspensas de uma árvore, a cerca de 2 metros do chão. Das latas seguia um cordão com 70 metros, para o lado Sul.

Do material capturado, destaca-se: 1 metralhadora «Peça»; 1 espingarda semiautomática e 1 carabina automática, chinesas; 2 pistolas-metralhadoras «Pepoché»; 4 pistolas-metralhadoras «Mat»; 2 pistolas russas com coldre; 11 espingardas 7,7 russas; 2 espingardas 7,7 «Lee-Enfield»; 31 granadas de mão defensivas chinesas; 2 granadas de mão ofensivas; muitos carregadores e mais de 4000 cartuchos.

Na impossibilidade de ser transportado, foi muito outro material aniquilado no local.

Esta acção constituiu um grave revés para o inimigo, sendo justo destacar, além das NT o papel do guia Augusto.

///

Para os bons resultados obtidos pelo Batalhão, muito contribuíram entre outras as Companhias de Reforço (Comp. de Caç. 1478, Comp. de Caç. 687, Comp. Caç. 73, Comp. Art. 1540, 2.ª Comp. de Comandos, Comp. Caç. 1560 e 4.ª Comp. de Comandos).

Todas elas actuaram por períodos mais ou menos curtos mas dignificando as suas Armas e obtendo excelentes resultados.

É igualmente de destacar a óptima colaboração que sempre existiu com a Marinha e a Aviação.

Uma Operação ficou como padrão dessa colaboração: — ARMIMARTE — nome que ficou a dever-se às sílabas iniciais da Aeronáutica, Milícia, Marinha e Exército.

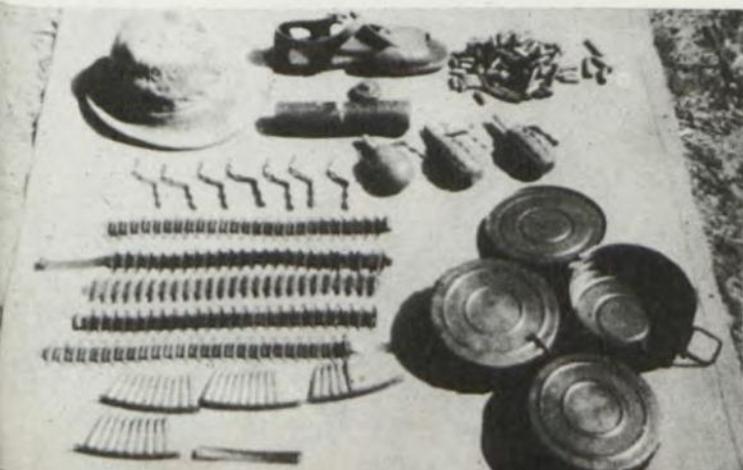
Esta Operação causou inúmeras baixas, prisioneiros e material capturado, destacando-se muito armamento.

Também a Engenharia teve papel de relevo na abertura da estrada para Miandica.

Lado a lado, cavaleiros, infantes, engenheiros, artilheiros, comandos, pára-quedistas, marinheiros, aviadores e milícia, todos deram o seu melhor esforço para que a paz volte àquela região.

A acção psicossocial exercida pelo Batalhão deu também bons resultados, traduzidos na apresentação de mais de 15 milhares de pessoas que viviam no medo. Nos aldeamentos, as populações eram assistidas pelos médicos e patrulhas.

Uma pequena amostra do muito material capturado ao inimigo em acções vitoriosas



Elementos dum Esquadrão dos Dragões do Niassa deslocam-se numa LDM da Marinha para mais uma Operação

terroristas. Porém, uma feliz reacção por parte das Forças Militares e administrativas debelou o terrorismo nesta região.

Em Março de 1967 ficou o Comando e C. C. S. no Alto Molocué, instalando-se definitivamente em Vila Junqueiro, em Outubro.

A Comp. de Cav. 1507 viveu durante 6 meses no Molumbo, junto à fronteira do Malavi, nas mais precárias condições. Sem quartel, ocupou a prisão, à volta da qual instalou barracas.

Patrulhando dia e noite a zona fronteiriça, manteve a paz e o sossego, estabelecendo com as populações uma ligação tal que a levou a uma total colaboração.

Ficou bem vinculada nas poucas tentativas do Inimigo, em que os elementos estranhos eram presos pela população e entregues à Tropa.

Esta boa acção foi muito bem continuada pela Comp. de Caç. 1552, que na região de Valadim obtivera bons resultados.

A Comp. de Cav. 1506 ficou instalada no Errego, destacando um GC para Namarroi.

Com os seus patrulhamentos constantes, numa área em que há anos o terrorismo tentou instalar-se, tem sabido manter a paz tão necessária para que as populações possam dedicar-se ao trabalho.

A Comp. de Cav. 1505 teve a seu cargo a região do Gilé, com os seus 10 000 km2 de extensão, que percorreu nos seus patrulhamentos.

Em Agosto foi para a Beira, onde se manteve 4 meses.

Trabalho diferente, é certo, teve o Batalhão na Zambézia, mas não menos importante.

E quando em Fevereiro de 1968 abandonou Moçambique, uma afirmação podia fazer:

Era a de que dera o melhor que podia e sabia para ajudar a trazer de novo a paz e o sossego a esta tão querida Província de Portugal.

26 meses depois regressavam os «Dragões do Niassa» no mesmo navio que os levava — o «Vera Cruz».

Num velho tronco nu, toda a imponência da Bandeira Nacional flutuando no céu de Metangula



(Conclui na pág. 10)



Os povos de Metangula manifestam o seu entusiasmo pela actividade do Batalhão, que lhes deu paz e segurança, recebendo apoteoticamente o Governador do Distrito

RESUMO DA ACTIVIDADE DO BATALHÃO

OP. realizadas — 34.
 AC. TQ e PF destruídos — 127.
 Palhotas destruídas — 2777.
 Minas colocadas pelo IN. e accionadas — 88.
 Minas colocadas pelo IN. e levantadas — 24.

BAIXAS IN.

Mortos — 85. Feridos — 67. Capturados — 684.

Estremoz-a-Nova, uma das mais vitoriosas realizações do Batalhão na sua esforçada actividade



BATALHÃO DE CAV. 1879

ARMAMENTO APREENDIDO

Morteiros — 82 — 1.
 Metralhadoras — 7.
 Pistolas-metralhadoras — 20.
 Espingardas automáticas — 22.
 Espingardas de repetição — 28.
 Pistolas — 3.
 Lança-granadas-foguete — 1.
 Total — 82.

QUADRO DE HONRA

Baixas em combate

Mortos — 24.
 Feridos — 81.

LOUVORES COLECTIVOS

Do Comdt. Sector A — 2.
 Do Comdt. Bat. Cav. 1879 — 1.
 Do Comdt. Bat. Caç. 1870 — 1.

LOUVORES INDIVIDUAIS

Do Gen. Comandante R. M. M. — 16.
 Do Comandante do Sector A — 22.
 Do Comandante do Sector D — 9.
 Do Comandante do Bat. Cav. 1879 — 161.

Com boa disposição, os Dragões do Niassa vão abrindo e reparando picadas

CONDECORAÇÕES

(Já dadas)

Torre e Espada de Valor, Lealdade e Mérito — 1.
 Cruz de Guerra 2.ª Classe — 1.
 Cruz de Guerra 4.ª classe — 5.

(Propostas)

Cruz de Guerra — 3.
 Prémio Gov. Geral Moçamb. — 7.

REFERENCIAS ELOGIOSAS COLECTIVAS

Do Gen. Comdt. R. M. M. — 3.
 Do Comdt. Sector — 4.
 Do Bat. Cav. 1879 — 3.

